



CENTRALIDADE DO TRABALHO

POR UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DA CLASSE TRABALHADORA

Contribuição Nacional do grupo *Centralidade do Trabalho* ao VII Congresso do PSOL


I. A crise capitalista

A pandemia de Covid-19 acentuou um sintoma predominante em parte significativa da intelectualidade brasileira de esquerda: intensificou o imediatismo politicista e afastou-a da análise dos movimentos de acumulação global de capital. Muitas pessoas assumiram a versão burguesa de que estamos vivendo uma “crise econômica provocada pelo novo coronavírus”, o que não é verdade caso se observe com atenção os ciclos do sistema capitalista.

A rigor, os anos de 2018/2019 marcaram o encerramento do ciclo de acumulação de capital iniciado após a crise de 2008. Os fluxos internacionais de investimento direto caíram quase 20% em 2018, passando de 1,47 para 1,2 trilhão de dólares. Por sua vez, o ritmo de crescimento do comércio mundial desacelerou de 2,7% em 2018 para 1,2% em 2019, o que representa um recuo de mais de 50% no desempenho da realização internacional de mais-valia.

Portanto, desde uma perspectiva totalizante e de longa duração, é possível afirmar que o mundo já vinha em uma sequência de instabilidade política e desaceleração econômica. Neste sentido, a pandemia foi responsável por antecipar, expandir e intensificar a eclosão de uma crise que já se gestava no sistema internacional. Tal detalhamento não se dá por mero preciosismo teórico: não atrelar a crise econômica diretamente à pandemia significa que, uma vez que a Covid-19 seja superada, nada indica que a crise o será.

Do ponto de vista político, a pandemia comprovou que o paradigma liberal e o arcabouço institucional da governança global não são mais funcionais ao imperialismo.





Num primeiro momento, testemunhou-se um apagão de equipamentos médicos, com preços exorbitantes e uma horda de confiscos de mercadorias entre Estados nacionais, violando sistematicamente princípios acordados no direito internacional. Num segundo momento, assistiu-se à especulação em torno das vacinas. Pesados financiamentos públicos para que pesquisas fossem realizadas e o desenvolvimento de imunizantes em tempo recorde não deram conta de amenizar o sofrimento de bilhões de pessoas no mundo. A gestão capitalista da saúde não permite que o fruto do trabalho coletivo dos pesquisadores chegue em massa à população.

O agravamento da pandemia nos EUA, aliado a um ambiente conjuntural de desemprego galopante, condicionou a vitória eleitoral de Joe Biden para a presidência dos Estados Unidos. Apesar do frisson gerado em setores da esquerda brasileira é preciso afirmar categoricamente: o novo governo dos EUA não representará qualquer mudança qualitativamente positiva para a América Latina e para o Brasil em específico. Joe Biden iniciou seu governo com pouquíssimas alterações no que se refere à política internacional de seus antecessores. Adiou uma vez mais a retirada das tropas do Afeganistão, promoveu bombardeios na Síria e a primeira reunião oficial com a China foi atravessada por acusações e impasses. Excetuando-se os simbólicos retornos à Organização Mundial da Saúde e ao Acordo Climático de Paris, mantiveram-se as políticas que já vinham em marcha com Donald Trump.

A injeção de dinheiro do novo governo dos EUA na economia, acompanhada de medidas que buscam corrigir as profundas distorções na relação capital-trabalho naquele país, tais como o incentivo à sindicalização burocratizada, as obras públicas de infraestrutura e a taxação de grandes capitalistas tampouco são medidas que devem nos confortar. Se é verdadeiro que tais ações podem contribuir no arrefecimento da luta de classes no centro do sistema, é igualmente verdadeiro que nenhuma delas será importada automaticamente para a periferia.





Especialmente no caso dos trilhões de dólares despejados na economia estadunidense, observa-se que se trata do aprofundamento de um mecanismo que já vem sendo largamente utilizado desde a própria crise de 2008, cujo principal resultado foi ser praticamente todo absorvido pelas bolsas de valores de todo o mundo. Uma inflação de ativos sem precedentes bancada pelo Estado e reeditada sucessivamente, é isto que estamos a presenciar no momento.

II. A atual conjuntura brasileira

O aprofundamento do abismo social é a faceta mais evidente que emerge da dinâmica da crise capitalista global no Brasil. O país atualmente conta com quase 38 milhões de subocupados (em torno de 15 milhões de desempregados; e quase 6 milhões de pessoas que deixaram de procurar emprego diante do desânimo acumulado após anos sem colocação no mercado de trabalho). Mesmo para os que permanecem ocupados, ampliam-se os empregos de baixa remuneração, desprotegidos de qualquer legislação trabalhista e social, onde a população brasileira empobrece à olhos vistos. A fome e a miséria – a insegurança alimentar chega à 55% dos brasileiros – passam a ser a tônica da nação, que aparecem diariamente nas ruas das grandes, médias e pequenas cidades do país. Por fim, nos vemos diante de mais de 400 mil mortos acometidos pela pandemia da Covid-19, número que certamente deve crescer aceleradamente enquanto Jair Bolsonaro permanecer no governo.

Por outro lado, o país continua sendo um celeiro de novos bilionários. O crescimento da renda concentrada nas mãos destes bilionários brasileiros foi de 71% entre 2020 e 2021. Hoje, os 65 bilionários do país concentram R\$ 1,2 trilhões. Tal situação não é fruto do acaso, muito menos um efeito exclusivo da pandemia. A segunda década do século XXI (2011-2020) já se mostra uma nova "década perdida" para a massa da população brasileira. Os dados da média do PIB per capita apontam que a





última década é a pior dos últimos 100 anos – uma queda média de 0,6% ao ano. Isso significa que nós brasileiros encerraremos em 2020 um decênio pior do que os anos 80 do século XX – atravessados pela hiperinflação, pela reestruturação produtiva, pelo desemprego estrutural e pela primeira fase das reformas liberalizantes da economia brasileira.

Diante de uma população esgotada após quase uma década de degradação material e moral em sua vida concreta, emergiu o capitão Messias, com seu fajuto discurso redentor de que viria “mudar tudo que está aí”. Discurso que, de forma contraditória, expressa duas facetas da miséria em que a população brasileira se encontra. Por um lado, expressa a miséria de uma classe trabalhadora degradada por anos de sofrimento e sem encontrar uma perspectiva organizada de esquerda com caráter revolucionário e socialista. Por outro lado, expressa um legítimo grito de indignação de uma população que não aguenta mais, cotidianamente, ser privada da riqueza que ela mesma produz. Enquanto vê os políticos tradicionais banqueteadando com os bilionários, sente na pele o sofrimento de ver sua família passar fome. “Mudar tudo que está aí”, essencialmente no âmbito do ataque à propriedade privada capitalista e em defesa dos interesses dos trabalhadores, portanto, deve ser o centro de qualquer programa partidário que pretenda, de forma séria, representar os anseios da classe trabalhadora na próxima década.

Isso é fundamental pelo fato de que Bolsonaro, e qualquer governo que se vincular aos interesses do grande capital, não tem qualquer capacidade de resolver a crise capitalista que se aprofunda no país. Decorre do momento atual três tendências de desenvolvimento da conjuntura brasileira para os próximos anos: 1) estagnação da economia; 2) centralização de capital mediante, por um lado, ampliação de bilionários e, por outro, falência de setores do capital – especialmente aqueles que empregam maior volume relativo de trabalhadores; e 3) continuidade da ampliação do abismo social –





desemprego, baixa de salários, pobreza, violência, fome, etc. – permanecendo todas as formas de agressão contra a classe trabalhadora – manutenção das contrarreformas.

Diante disso, nenhuma confiança pode ser depositada na possibilidade de mudar esse quadro com base em acordos com a burguesia. Ela é a principal interessada em manter essas tendências em desenvolvimento. Também não há que alimentar nenhuma ilusão na forma política parlamentar ou presidencial, como se esta pudesse alterar a atual correlação de forças desfavorável à classe trabalhadora. A energia de um partido que queira realmente incidir na realidade em favor da construção da revolução e do socialismo, portanto, deve se dar na necessidade de mobilização, organização e politização da classe trabalhadora.

III. As lutas de classes no Brasil

A crise que emergiu com força a partir de 2012, não deixou de contar com a oposição da classe operária. Depois de longos 15 anos (1997-2011) de reduzido número de greves, a conjuntura virou justamente a partir de 2012. Não apenas voltamos aos patamares grevistas do último ciclo de expansão (1986-1996), mas ultrapassamos o auge do período anterior (1.962 greves em 1989) durante longos quatro anos consecutivos (2.057, 2.085, 1.964 e 2.114 greves em 2013, 2014, 2015 e 2016, respectivamente). Ou seja, longe de um período de onda conservadora, vivenciamos nesta última década uma forte expressão da centralidade do trabalho na sociedade capitalista e do poder operário de parar a produção. Não apenas greves do funcionalismo público, mas também um grande crescimento das greves na esfera privada e nas empresas estatais.

Em resumo, a classe trabalhadora emergiu de um longo período de inatividade política e passou a se movimentar largamente nos últimos anos, vivendo na pele o processo de desalienação e educação da classe trazidos pela participação nas greves. Por outro lado, esse movimento que ocorreu no subterrâneo da produção da riqueza está na





base das explosões populares de significado amplo, que ocorreram justamente no mesmo período, tal qual as manifestações de 2013 e as diferentes marchas que ocorreram nos anos seguintes.

A classe, como pode ser visto, esteve longe de estar apática neste último ciclo. Movida pela indignação diante da piora sistemática das suas condições de vida, apresentou oposição, na medida de suas forças e de sua consciência, ao ataque do capital. O ponto auge desse processo foi o primeiro semestre de 2017, que culmina esse “despertar” do movimento operário brasileiro no enfrentamento contra a contrarreforma da previdência de Michel Temer. Verificamos ali uma expressiva mudança de qualidade na conjuntura de greve de massas no Brasil. O acúmulo quantitativo de greves entre 2013 e 2016 acabou por transformar-se qualitativamente no processo de enfrentamento à proposta de contrarreforma da previdência. Os trabalhadores se mobilizaram não apenas pelas questões imediatas e parciais, mas passaram a agitar em nome de uma questão de ampla magnitude.

Entretanto, apavoradas diante da perda do controle da classe que, naquele momento, superava o horizonte eleitoralista estreito das centrais sindicais – que já estavam interessadas na eleição de 2018, na grande ilusão de eleger Lula novamente –, as direções do movimento recuaram. Assim, a principal estratégia de desmobilização da ascensão da luta de classes foi a de subverter a pauta que até então conduzia as mobilizações. Se no início do ano, tratava-se de combater a contrarreforma da previdência e denunciar a podridão do sistema, passaram a propor as “Diretas Já” e a defesa abstrata da democracia. Diante disso, a classe imediatamente olhou com desconfiança para os dirigentes sindicais. Já haviam rompido com o petismo no *impeachment* de Dilma, e votaram em massa contra as candidaturas petistas nas eleições municipais do final de 2016 (as cidades onde o petismo foi mais rechaçado foram





justamente aquelas de maior perfil operário). O ímpeto da sociedade era de mudança real, “mudar tudo que está aí”, não de reconstituição da velha forma de governo.

A energia acumulada no processo de agitação, ao não mudar de forma e adquirir conteúdo efetivamente revolucionário, tratou de se dissipar. O que ficou do processo foi um sentimento de profunda frustração no segundo semestre de 2017. Não por acaso, a contrarreforma trabalhista foi aprovada sem nenhuma oposição da classe. Diante disso, uma inflexão conjuntural se registrou. Primeiramente, a falência das direções sindicais e partidárias da esquerda, deformadas por décadas de conciliação de classes e de enclausuramento da luta ao âmbito jurídico e parlamentar, permitiu o avanço decidido de Bolsonaro como o falso redentor de 2018. Em segundo lugar, essa incapacidade de dar um salto de qualidade na luta de classes, aliado às derrotas acumuladas, fizeram com que o próprio movimento de ascensão da luta de classes encontrasse um momentâneo refluxo. A partir de 2018, já é possível perceber a queda do número de greves – 1.453 greves em 2018, 1.118 em 2019 e apenas 642 em 2020. Também é possível perceber o esvaziamento da própria mobilização de rua, que ainda não conseguiu encontrar um ponto de centralização para fazer avançar uma oposição de rua ao governo Bolsonaro.

Tal momento de refluxo, no entanto, não tem que ser entendido como derrota definitiva da classe, muito pelo contrário. O que existe no Brasil, isso sim, é uma dissipação da luta de classes. Diante da deterioração de suas condições de vida, e na ausência de organizações com direções revolucionárias, a luta de classes avança e se dissipa, sem conseguir encontrar um elemento centralizador e catalisador do processo. Isso se deve a um fato distintivo da atual conjuntura da luta de classes no Brasil: *não há um partido revolucionário da classe trabalhadora.*





IV. A hegemonia petista sobre os trabalhadores

É indiscutível o fato de que o Partido dos Trabalhadores e sua principal liderança, Lula, ainda detenham, entre as agremiações partidárias, a hegemonia da inserção no seio da classe trabalhadora organizada. São ainda significativas as massas trabalhadoras, lideranças sindicais, organizações de base das igrejas, enfim, nas diversas formas em que a classe ainda preserva alguma forma de organização, em que o nome do partido ainda esteja enraizado. A miséria provocada pelo agravamento da crise capitalista, o aumento da fome e desemprego e a incapacidade de Bolsonaro cumprir suas promessas de mudança, corroboram para a construção entre estas massas de uma visão saudosa dos tempos em que o PT governou o país, revigorando a vã esperança de que aqueles tempos poderão ser resgatados a partir de 2022.

Esta solidez que o PT ainda consegue demonstrar, expressa eleitoralmente na obtenção da maior bancada da Câmara Nacional, além de sua expressão nacional, sequer sonhada pelos partidos que compõem o espectro da esquerda, tem sido o argumento sempre levantado quando se trata de se pensar a composição de frentes políticas para as disputas dos pleitos eleitorais nas diversas esferas do Estado brasileiro. Na disputa pela hegemonia dessas frentes o PT sempre sai com expressiva vantagem e, não raras vezes, Lula expressa isso sem nenhuma ressalva, mesmo referindo-se aos possíveis aliados, tratados como expressões secundárias de uma unidade capitaneada por ele e seu partido.

Por estas condições, já há algum tempo, o PT tem se tornado *um obstáculo para o surgimento de novas vanguardas políticas da classe trabalhadora*. Não só pela própria força do PT, mas porque, também, o canto de sereia petista está sempre a embalar os sonhos de muitas lideranças da esquerda de encontrar um atalho para a obtenção de uma quirela de poder. O ponto de partida é sempre o mesmo: o PT é a maior força de esquerda e nenhuma frente pode se constituir sem a sua participação que, necessariamente, será hegemônica. É, portanto, a própria hegemonia petista que tem que





ser colocada à prova se quisermos projetar alguma alternativa para além dela, seja no campo eleitoral, seja, principalmente, fora dele.

O viés politicista dos governos petistas sempre priorizou as alianças políticas que assegurassem sua governabilidade. Entretanto, apesar de todo esforço na construção dessa sustentação parlamentar, nem Lula, nem Dilma, em algum momento justificaram essa política apresentando algum projeto de reforma que ao menos arranhasse o estatuto da grande propriedade capitalista ou da nossa condição de dependência econômica. Menos ainda poderia se esperar dos governos petistas no que diz respeito à construção de mecanismos de participação popular nas lutas políticas. O reformismo sem reformas, sempre feito pelo alto, nunca encontrou as “correlações de força” favoráveis à realização das mudanças que pudessem apontar para uma verdadeira transformação do país. Naquelas condições de expansão capitalista limitou-se a reservar parte dos recursos de que dispunha à expansão do endividamento das famílias – base da ideologia da “nova classe média” como sucedâneo para a consciência de classe – e à realização dos programas sociais que não afrontassem a ordem social do capital.

Com Lula novamente candidato, as mesmas ilusões são oferecidas aos trabalhadores em condições, entretanto, absolutamente diferentes e mais adversas. “A arte do possível”, como Lula sempre definiu sua forma de fazer política, nas presentes condições em que a burguesia leva ao extremo os ataques contra os trabalhadores, só poderá operar na contenção dos movimentos contestatórios e no prosseguimento do desmantelamento da organização dos trabalhadores enquanto classe.

Ainda que preserve força eleitoral, o PT põe e repõe, a cada instante, as premissas da derrota política e ideológica dos trabalhadores. Qualquer aproximação com essa política só pode se dar por oportunismo eleitoral. Para as forças de esquerda que realmente pleiteiam a construção de uma outra sociedade, a submissão à lógica petista representará, necessariamente, uma política de traição à classe trabalhadora. Por isso, o





combate à hegemonia petista sobre os trabalhadores organizados é uma das tarefas mais imediatas da esquerda revolucionária.

Contudo, ao lado desse desafio, não menos urgente é o combate contra as ideologias burguesas que se entranharam nas últimas décadas no seio dos partidos de esquerda. Se, por um lado, a hegemonia petista contribuiu para o abandono do horizonte revolucionário pelos partidos de esquerda, por outro, a influência de origem acadêmica do irracionalismo contemporâneo por meio das teorias pós-modernas rebaixou a luta desses partidos aos limites de uma mera transgressão resignada à ordem burguesa.

V. As ideologias burguesas dentro da esquerda

Desde o último terço do século passado estamos mergulhados numa falsificação teórica progressista que apresenta armadilhas difíceis de combater e, literalmente, desarmar, especialmente em seu aspecto ideológico: as teorias da pós-modernidade. Elas se abrigam no escopo teórico mais abrangente do irracionalismo contemporâneo, este sim, vigente praticamente desde o início do século XX.

A pós-modernidade se apresenta como uma teoria crítica. No entanto, como não apresenta alternativa concreta de futuro para as lutas econômico-políticas para além do capital, resulta socialmente numa *crítica regressiva*, pois articula narrativas e discursos fragmentados que, de forma platônica, chegam a apresentar-se como *radicais*, mas ao fim e ao cabo estão irremediavelmente acoplados a uma construção teórica contrarrevolucionária de complicada explicitação, tanto no plano ideológico, quanto no plano prático. Isso tem, via de regra, confundido as forças de esquerda, tornando-as incapazes de apresentar saídas para a construção da efetiva emancipação da classe trabalhadora.

A luta ideológica é um importantíssimo momento das lutas de classes, pois as ideias dominantes de uma época são sempre as ideias da classe dominante. Portanto, se





as ideias dominantes de nossa época correspondem a esse predomínio hegemônico das forças materiais do capital, devemos desconfiar dos indicativos irracionalistas que permeiam a nossa luta contemporânea de esquerda, em especial, a lógica identitária, fragmentada e pós-moderna, que *hegemoniza* grande parte das lutas contra opressões reais, contra as quais é obviamente necessário combater.

O resgate do papel da centralidade de classe e da centralidade do trabalho é fundamental para a eficácia teórica e prática das lutas atuais de esquerda, especialmente a esquerda que não deseja apenas *mudanças*, mas efetivamente a *transformação* social revolucionária, pautando a *transição* socialista. Com isso, a radicalidade política torna-se uma necessidade premente no mundo contemporâneo. Mas essa radicalidade não deve se apresentar apenas por uma *linguagem* radical, no plano do discurso, e pela valorização incondicional do *lugar* que a *fala* ocupa. Ser radical é tomar as coisas pela raiz. Não significa *apenas* ter uma *atitude* individual de rebeldia ou de transgressão diante das *opressões* do mundo contemporâneo. Significa, em primeiro lugar, compreender a *posição* ocupada na luta de classes e na *exploração* daí decorrente.

Essa posição de classe não é definida arbitrariamente por uma *escolha do sujeito*, mas pela propriedade (ou não) que ele tenha dos meios de produção vigentes. Os proprietários privados dos meios de produção estão posicionados de um lado concreto da luta de classes, muito bem definido *materialmente*. A burguesia não tergiversa sobre isso. Os *não* proprietários dos meios de produção são aqueles que têm apenas sua força de trabalho para vender e estão, *materialmente*, em completa oposição aos proprietários privados no âmbito daquelas relações de produção. A *raiz* do mundo capitalista sempre esteve – e continua – na oposição capital *versus* trabalho. A *exploração* daí decorrente define a *posição* dos sujeitos em sua classe social.

Priorizar qualitativamente a relação de exploração à de opressão não significa afirmar que não existem *opressões* diferenciadas no seio da classe; não significa





priorizar o sofrimento derivado da posição de classe em detrimento do sofrimento derivado das opressões. Significa apenas tomar a luta de classes como o fundamento central para a compreensão da realidade social sob o capitalismo e, por consequência, para uma estratégia verdadeiramente revolucionária que vise a derrubada da supremacia burguesa; estratégia em função da qual todas as demais lutas devem ser taticamente consideradas. A *exploração* engloba e abarca as formas de *opressão*. Por isso, essas duas dimensões podem (e devem) ser tratadas numa articulação dialética.

O problema da lógica identitária e pós-moderna está na solução (ou na falta de solução) que essa teoria irracionalista preconiza: “é impossível atacar o centro, mas atuar apenas nas margens do sistema”. Essa é a máxima pós-moderna. As lutas pelas *causas* oriundas das *opressões* são reais, concretas, verdadeiras. São, enfim, dimensões históricas da vida humana alienada no capitalismo. Portanto, a teoria que tem como objetivo a *crítica da crítica* regressiva pós-moderna, não deixa de tratar dos problemas reais ali indicados. Mas uma tal teoria precisa assumir o ponto de vista da totalidade e, sob a regência do capital (e para combatê-lo), a teoria que tem condições de realizá-lo não é outra senão o marxismo. Não é por acaso que as teorias pós-modernas recorrem a *narrativas fragmentadas*, realizadas por sujeitos descentrados, coletivos e plurais, que *desconstroem* e *ressignificam* (aleatoriamente) um outro conjunto de narrativas, em um círculo vicioso que jamais ultrapassa a linha de menor resistência do capital.

A pergunta que a esquerda tem que fazer hoje é: *a que classe social* interessa defender que não existe verdade objetiva e que é impossível uma compreensão racional do mundo, em sua totalidade? A que classe social interessa afirmar (ideologicamente) que não é possível atacar o centro do sistema, estabelecendo o limite de atuação dos sujeitos múltiplos apenas nas margens descentradas e aleatórias desse mesmo sistema? Com certeza, isso não interessa às classes trabalhadoras submetidas à brutal exploração do capitalismo.





Por isso, as teorias pós-modernas constituem uma das dimensões mais gritantes da *contrarrevolução ideológica burguesa*, cujo resultado político e prático redundam, no máximo, numa *transgressão resignada*. Esse aparente paradoxo – *transgressão que se resigna* – propõe uma atitude de suposta *radicalidade sonora*, mas *repele* por completo qualquer indicativo de ruptura revolucionária de classe. É nessa sutil armadilha na *práxis* cotidiana de nossas lutas, bem como na dimensão ideológica e concreta da contemporaneidade capitalista, que propomos o combate à supervalorização da mera transgressão dentro dos partidos de esquerda.

VI. A necessidade de um partido revolucionário

Os partidos burgueses não podem explicitar o seu *caráter de classe* sem com isso se colocarem abertamente contra os interesses da classe trabalhadora. Por isso, são obrigados a dissimular constantemente as suas reais intenções se apresentando como os representantes de toda a população. Que os partidos burgueses se camuflem sob a defesa abstrata dos interesses do “povo”, e assim, para o seu benefício, confundam os antagonismos de classe aos olhos dos trabalhadores, é um fato constitutivo do jogo de cena que sustenta a dominação burguesa sob a democracia liberal.

Mas que os partidos de esquerda hoje se rebaixem a fazer o mesmo, que se coloquem em defesa do “povo”, da “democracia”, e etc., que se abstenham de demarcar a cada momento a linha que cinde a sociedade em *burgueses* e *proletários*, de firmar a *independência política e de classe* dos trabalhadores diante dos partidos burgueses, de reiterar em cada discurso os objetivos históricos do proletariado enquanto *classe revolucionária*, tal fato é um indicativo iniludível da capitulação desses partidos à ordem dominante. Agindo dessa forma, os partidos de “esquerda”, com o PT à cabeça, cumprem hoje uma importante função para a conservação, legitimação, e defesa do atual sistema político burguês; eles são a *oposição consentida* da Nova República.





Infelizmente, não restando espaço para ilusão, o próprio PSOL tem sido progressivamente hegemônico pelas políticas oportunistas de conciliação de classes e pela crença na possibilidade de efetuar alguma mudança em prol das classes populares pela via parlamentar e institucional. Por um lado, deu guarida às ideologias que retiram a classe operária do centro da luta política; por outro, submete cada vez mais a luta de classes aos limites da disputa partidário-eleitoral. Como resultado, se continuar a política da atual direção, o partido tende a se degenerar ao submergir o PSOL à hegemonia petista e ao mais rebaixado cretinismo parlamentar. Frente ao seu VII Congresso, o PSOL se encontra em uma encruzilhada; precisa definir que partido pretende ser. E, a julgar pela sua trajetória recente, por suas forças majoritárias, e pelo próprio formato do seu Congresso, a resposta poderá ser: *mais um partido da ordem*. O esforço da militância, diante disso, deve ser justamente em sentido contrário, colocando a necessidade de um partido independente da classe trabalhadora.

Por seu lado, o caráter político que inevitavelmente assume a luta de classes obriga o proletariado a se organizar como partido. O próprio processo de elevação da sua consciência de classe e, no limite, da sua consciência socialista, é o mesmo processo de *organização da vanguarda da classe como partido revolucionário*. Contudo, esse partido não existe hoje no Brasil. As grandes forças institucionalizadas do atual sistema partidário brasileiro, da direita à esquerda, obstaculizam ativamente qualquer possibilidade de a classe trabalhadora representar-se a si mesma de maneira independente na arena da luta política. Sendo assim, é condição necessária para a formação do partido revolucionário, antes de tudo, um enfrentamento contra as forças políticas que, sob a máscara da esquerda, refreiam ativamente essa organização.

É necessário, dessa forma, uma luta prolongada e implacável contra o progressismo, o social-liberalismo, o pós-modernismo, e qualquer outra ideologia ou tendência burguesa no seio dos partidos que detêm influência sobre a classe





trabalhadora. Com oportunistas e liberais como seus representantes, a organização dos trabalhadores é impossível. Por isso, diante das velhas novidades requeitadas pela ideologia burguesa, *reafirmamos o marxismo como a única teoria verdadeiramente revolucionária*, a única verdadeiramente capaz de mapear o capitalismo, de abrir ao proletariado o horizonte socialista, e de fornecer a arma da crítica necessária para a sua organização com vistas a esse fim.

Em um momento em que o espectro do comunismo volta a rondar a cena política, seja como pecha infamante proferida pelos políticos reacionários, seja como fetiche incrédulo por parte da esquerda liberal, faz-se necessário uma vez mais que os comunistas exponham abertamente, aos olhos de todos, as suas posições e seus objetivos. E, hoje, as tarefas que os comunistas colocam para si consistem em denunciar a cada passo o oportunismo da esquerda liberal, em desvelar o antagonismo inconciliável entre os trabalhadores e os capitalistas, e em tematizar constantemente a necessidade da classe trabalhadora, diante das inexoráveis lutas contra a exploração capitalista, se organizar enquanto partido revolucionário.

A atualidade histórica da revolução proletária – eis o padrão de medida para todas as tomadas de decisão sobre as nossas tarefas mais imediatas. Colocar a revolução na ordem do dia significa prepará-la desde hoje; significa que as tarefas do presente – a busca ativa de mobilização, organização e politização da classe trabalhadora – tornam-se um problema fundamental da revolução. As tendências e contradições que possibilitam a sua realização futura já se encontram incrustadas no momento presente; cabe a nós identificá-las, desenvolvê-las, torná-las palpáveis, fazê-las explodir. Tal como um refluxo da maré está apenas a preparar o próximo avanço, que atuemos decididamente desde já para tornar a nova ascensão da luta de classes o momento decisivo para a grande *contraofensiva revolucionária do proletariado*.





Camaradas, a velha toupeira da revolução não cessa em seu trabalho subterrâneo de estremecer o solo da ordem burguesa e causar pane em vários pontos do sistema. Não nos cabe aguardar o seu trabalho, *mas acelerá-lo!*

Assinam a tese:

SÃO PAULO:

1. Adalberto Chagas Machado - Sorocaba
2. Adriana de Abreu Villalon - Americana
3. Adriana de Souza Ronchi - Marília
4. Adriano de Oliveira Silva - Americana
5. Alaíde Vieira - Sorocaba
6. Alexandre Daniel dos Santos - Marília
7. Alexandre Patelli Costa - São Paulo
8. Alexandre Silvestre do Nascimento - Bauru
9. Alexandro de Souza Faustino - Arujá
10. Anderson José albano - São Paulo
11. André Malinardi - São Paulo
12. Angélica Lovatto - São Paulo
13. Anita Ferreira das Neves - Santa Bárbara D'Oeste
14. Arthur Martinatti Penna - São Paulo
15. Bianca Helena Terremoto - Osasco
16. Breno Augusto Oliveira Santos - Sorocaba
17. Bruna Larissa Sampaio Lopes - São Paulo
18. Bruna Santos de Oliveira - Sorocaba
19. Bruna Saraiva Marcelino - Marília
20. Bruno Batista Cal - São José do Rio Preto
21. Camila Jesus Costa Melo - Osasco
22. Carlos Eduardo Carvalho dos Santos - Taubaté
23. Carlos Eduardo Pires de Moraes - São Paulo
24. Cayo Diebe - Sorocaba
25. Cesar Antonio Alves Cordaro - São Paulo
26. Cláudia Bento Dos Santos Ferreira - Marília
27. Cristiane Paula Sacconi - São Paulo
28. Daiane Teixeira Almeida - Sorocaba
29. Daniel dos Santos - São Paulo





30. Daniel Paulo de Carvalho - Campinas
31. Danilo Ferreira Bortoli - Marília
32. Danilo Fischer - Taquaritinga
33. Danilo Peixoto de Miranda - São Paulo
34. Davi Mendonça Cabeça - Bauru
35. Denize Ramos Ferreira - Americana
36. Diana Micheline Cohen - Vargem Grande Paulista
37. Douglas Padovese Zwar - Marília
38. Douglas Rocha Constancio - São Bernardo do Campo
39. Dulcinei Maria Malaman - Taquaritinga
40. Eber Ricardo dos Santos - Sorocaba
41. Éder Renato de Oliveira - Marília-SP
42. Edjani Zanardi - Sorocaba
43. Edna da Silva Dantas - Sorocaba
44. Edson Machado - Ourinhos
45. Eduardo Kimura - São Paulo
46. Eliza Silva Rodrigues - Sorocaba
47. Eloi Maia de Oliveira - Marília
48. Erica Maciel Alves - Osasco
49. Érico Félix Buffolo - Araçoiaba da Serra
50. Érika Vieira Vanetti - Sorocaba
51. Estela Rodrigues dos Santos - Sorocaba
52. Fabrício Mendes Pereira - Marília
53. Felipe Moraes Pereira - Botucatu
54. Felix Matheus Rodrigues Bertacco - Sorocaba
55. Fellipe Andrade Abreu e Lima - Sorocaba
56. Fernando Alves da Silva - Americana
57. Flávia Rodrigues Gouvêa - Sorocaba
58. Flávio Henrique de Oliveira - Taquaritinga
59. Flávio Henrique Nóbrega - Marília
60. Florivaldo Menezes Filho - São Paulo
61. Francisca Feitosa Mourão - Ibiúna
62. Francisca Margarida Soares da Silva - Sorocaba
63. Francisco Soto Gongora - Sorocaba
64. Gabriel Ferreira dos Santos - Sorocaba
65. Gabriela Cestarolli Remédio - Sorocaba
66. Gabriela Tavares Sena Sabio - São Paulo
67. Germana da Silva Santos Silvestre - Sorocaba
68. Gilberto Antonio Vanetti - Sorocaba





69. Gilmar Caetano - Votorantim
70. Gimena Andressa Venturini Simon - Sorocaba
71. Gregório Francisco França Ribeiro Neto - Sorocaba
72. Guilherme Fernandes Leite - Capão Bonito
73. Gustavo Benassi Soares - São Paulo
74. Gustavo Brito de Oliveira - Marília
75. Gustavo Soares Pires de Campos - Sorocaba
76. Helen Ferla Lopes - São Paulo
77. Henrique Douglas Caetano Ribeiro - Americana
78. Iara Milreu Lavratti - Marília
79. Igor Feitosa Tanaka - Sorocaba
80. Iohann Iori Thiago - Osasco
81. Ivan Moreli Cambahuva Rufino - Sorocaba
82. Ivan Rodrigues de Camargo - Itapetininga
83. Ivani Rodrigues - Sorocaba
84. Ivy Tasso Gomes - Marília
85. Jacqueline da Silva Takara - São Paulo
86. Janaína de Sousa - Sertãozinho
87. Jason Nunes da Silva - Osasco
88. Jeferson Wilian Theodoro - Adamantina
89. Jeniffer Cristine Azevedo - Marília
90. João Antônio Camargo Aranha - Araçoiaba da Serra
91. João Henrique Bonini do Nascimento - Marília
92. João Luiz de Moraes - Sorocaba
93. João Paulo Francisco de Souza - Marília
94. Joao Vitor Silva de Oliveira - Marilia
95. Jones da Silva Pizzol Americana
96. José Aparecido Antunes - Marília
97. José Damião de Lima Trindade - São Paulo
98. José Nazareth Ragazzini - Sorocaba
99. Juliana Fernandes Breda - Marília
100. Kanansuê Gomes - São Paulo
101. Karen de Souza Ribeiro - Sorocaba
102. Kelly Caroline Claudino - Sorocaba
103. Laura Cristina Santos Mello - Sorocaba
104. Lavínia Fernandes da Silva - Osasco
105. Leandro Nobre Magacho - Pindamonhangaba
106. Leonardo Frasson dos Reis - Santo André
107. Lucas Pereira Mendes - Bauru





108. Lucas Simplicio da Silva - Bauru
109. Lucilene Aparecida Andreotti Silva - Sorocaba
110. Luís Antônio Albiac Terremoto - São Paulo
111. Luis Antonio Nunes - Americana
112. Luís Antônio Vieira Barbosa Filho - Sorocaba
113. Luís Carlos Cunha Sobrinho - São Paulo
114. Luís Fernando Seidl - Sorocaba
115. Luís Francisco Rios Ribeiro - Sorocaba
116. Luiz Carlos Checchia - Osasco
117. Luiz Felipe Teixeira Simioni - Sorocaba
118. Luiz Gustavo Moreira de Oliveira - Santa Bárbara D'Oeste
119. Magali Rebeca Pereira Marins Moraes - Sorocaba
120. Marcelo Campos Pereira - Marília
121. Márcio Benchimol Barros - Marília
122. Márcio Martins De Souza Júnior - Ribeirão Pires
123. Marco Antonio de Moraes - Sorocaba
124. Marco Aurélio Nunes de Oliveira - Sorocaba
125. Marcos Alcyr Brito Oliveira - São Paulo
126. Marcos Aurélio dos Santos - Marília
127. Margareth Albuquerque - Marília
128. Maria Antônia Santos Silvestre - Sorocaba
129. Mariana Milhossi da Silva - Taquaritinga
130. Marilene Picoli - São Paulo
131. Mateus Gregório Toti - Sorocaba
132. Matheus Henrique Nunes de Assis - Sorocaba
133. Maximiliano Augustus Cirelli - Marília
134. Michael Antony da Silva Oliveira - Capão Bonito
135. Milton Júnior Andrade da Silva - Marília
136. Miriam Amaral Naves - Americana
137. Moisés Gabriel Dias - São Paulo
138. Natal Aparecido Calixto Barbosa - Arujá
139. Nayara de Fátima Mazini Ferrari - Marília
140. Nedeli Mariano De Oliveira Machado - Sorocaba
141. Pedro Antônio Ambrósio Chiquitti - Americana
142. Pedro Camargo de Souza - Sorocaba
143. Pedro Henrique Somini - Marília
144. Rafael Freitas Dias - Marília
145. Rafael Pereira Simonetti - Marília
146. Raisa Tavares de Oliveira - Marília



147. Reinaldo Gomes Nogueira Ramos - Marília
148. Renan Nobre - São Paulo
149. Renato Gumier Horschutz - Americana
150. Rogles de Oliveira Camargo Andrada - Marília
151. Ronaldo Marcelo Pacce - São Paulo
152. Ronival Andrade de Miranda - Arujá
153. Rosana de Jesus Vaz de Lima - Americana
154. Rosangela Aparecida Vieira - Sorocaba
155. Sandro Ivo de Meira - Sorocaba
156. Simone da Silva Santos - Sorocaba
157. Sirlei Aparecida de Pontes de Oliveira - Americana
158. Tamyris dos Santos Baratella - Marília
159. Thais Caroline Ataide Lacerda - Marília
160. Thiago Antunes Rodrigues - Araçoiaba da Serra
161. Valéria Nascimento de Oliveira - Mauá
162. Vinícius Pereira de Moraes - Sorocaba
163. William da Silva Cordeiro - Arujá
164. Wilson de Luces Fortes Machado - Atibaia
165. Yan Santos Trovato - São Paulo
166. Yara Alecsandra da Silva - Marília

SANTA CATARINA:

167. Agnes Santiago Duarte - Florianópolis
168. Alexandre de Albuquerque Montenegro - Florianópolis
169. Ana Carolina da Silva - Joinville
170. Ana Paula Schmitt Maluf - Florianópolis
171. Ana Sophia Sovernigo - Florianópolis
172. Andrei Aderbal da Rosa - Florianópolis
173. Augusto Cesar Spadaccia Ascitti - Florianópolis
174. Barbara Janaína Pansera - Florianópolis
175. Caciano dos Santos Machado - Florianópolis
176. Carlos dal jovem - Florianópolis
177. Cecilia da Silva - Florianópolis
178. Cleidson Valgas - Florianópolis
179. Cristina Marli Rachedel Mazeti - Balneário Camboriú
180. Cyro Roberto Scariot Schmitt - Florianópolis
181. Daison Roberto Colzani - Joinville
182. Daniel da Cunda Côrrea da Silva - Florianópolis
183. Douglas Francisco Kovaleski - Florianópolis



184. Estácio da Rosa Filho - São José
185. Fábio Luiz Marcelino - Joinville
186. Fabricio Bastos Nogueira - Florianópolis
187. Flavia Aline de Oliveira - Florianópolis
188. Gabriela de Lima - Florianópolis
189. Geuza Torres Livramento - Joinville
190. Gilmara Martins - Joinville
191. Gionei Gonçalves dos Santos - Campos Novos
192. Guilherme Constantino Silva - Florianópolis
193. Ivana Melo Jacques - Balneário Camboriú
194. João Maria Chaves dos Santos - Campos Novos
195. José Adelino Alves - Florianópolis
196. Julia Mulinari - Florianópolis
197. Kályta Morgana de Lima - Joinville
198. Láiza Alves da Cruz - Joinville
199. Laurien Cristhine Ziem Nascimento - Florianópolis
200. Leandro Damasio - São José
201. Leticia Floriano - Joinville
202. Lucas Simões Duarte - Chapecó
203. Luiz Eduardo de Carvalho Silva - Joinville
204. Luiz Souza Neto - Joinville
205. Marcelo Borret Cortez - Florianópolis
206. Marcio Bittencourt do nascimento - Florianópolis
207. Marcus Paulo Pêsoa da Silva - Florianópolis
208. Maria do Carmo Dias Pacheco Pettenon - Florianópolis
209. Maria Eduarda Munaro - Florianópolis
210. Mateus Seenem Tavares - Joinville
211. Matheus de Souza Rosa - Florianópolis
212. Mauricio Madalozzo - Florianópolis
213. Mauricio Mulinari - Florianópolis
214. Nicolás Bonelli Lima - Florianópolis
215. Nilton José Coelho Neto - São José
216. Paola Cristina de Freitas Villa - Florianópolis
217. Paulo Roberto Da Silva - Xaxim
218. Rafael Caetano Cherobin - Florianópolis
219. Ralph Frederich With - Florianópolis
220. Sebastião Nunes Amaral Neto - Florianópolis
221. Silmara Paula Forster Beathalter - Joinville
222. Silvia Helena Miollo Borgmann - Florianópolis



- 223. Thiago Kunitz Daniel - Jaraguá do Sul
- 224. Tiago Mazeti - Balneário Camboriú
- 225. Ulrich Beathalter - Joinville
- 226. Valdira paula de sousa brito - Florianópolis
- 227. Vicente Loeblein Heinen - Florianópolis
- 228. Victor Hugo Azevedo Naas - Florianópolis
- 229. Victor Hugo Graffunder de Oliveira - Joinville
- 230. Victor Hugo Sieben - Florianópolis
- 231. Wanderlei José Pereira - Joinville

RIO DE JANEIRO:

- 232. Adalmar Luiz Corrêa Ivanov - Miguel Pereira
- 233. Adriana Soares Barbosa - Araruama
- 234. Alex Wanderley de Oliveira - Rio de Janeiro
- 235. Aloma Dias - São Gonçalo
- 236. Alvaro Bruno Amaral Carriello Teixeira - Rio de Janeiro
- 237. Ana Lucia Veras Costa - Rio de Janeiro
- 238. Bruno Cerqueira - Miguel Pereira
- 239. Bruno Rabello Golfetto - Volta Redonda
- 240. Carlos Eduardo da Silva Monteiro - Miguel Pereira
- 241. Diego Reines Galvão - Rio de Janeiro
- 242. Érica Aparecida Monsores da Silva - Miguel Pereira
- 243. Esmeralda Carneiro Monsores - Miguel Pereira
- 244. Felipe Ricardo Gomes Lustosa - Rio de Janeiro
- 245. Fellipe Bellas da Costa Mose Ferreira - Rio de Janeiro
- 246. Fernando Misael Gomes Lustosa - Rio de Janeiro
- 247. Gustavo Gomes de Cerqueira - Nova Iguaçu
- 248. Hellington Chianca Couto - São Gonçalo
- 249. Joao Paulo Carregal - Rio de Janeiro
- 250. Jorge Luis de Freitas da Fonseca - Miguel Pereira
- 251. José Luiz Amaral de Souza - Miguel Pereira
- 252. Leonam de Oliveira Alves - Nova Iguaçu
- 253. Luiz Claudio Antas Moreira - Rio de Janeiro
- 254. Luiz Otavio Gomes Osilieri - Rio de Janeiro
- 255. Maria Gabriela Correia de Araújo - Rio de Janeiro
- 256. Mariana Marques Ramos - Rio de Janeiro
- 257. Mario Luiz Ferreira Moreira - Miguel Pereira
- 258. Matheus Monteiro Brito - Miguel Pereira
- 259. Nicollau Maia Forte - Valença



260. Priscila Alencastre Lopes Santos Souza - Rio de Janeiro
261. Raoni Ferreira - Rio de Janeiro
262. Raquel Nachmanovitch - Rio de Janeiro
263. Rodolfo Serpa Filho - RIO de Janeiro
264. Rômulo Ferreira Corrêa - Rio de Janeiro
265. Thais Nachmanovitch de Souza - Rio de Janeiro
266. Thiago Barbosa Costa - Miguel Pereira
267. Valdir de Oliveira Neto - Miguel Pereira
268. Wilson Maia Fort - Valença
269. Yuri Muller Plumm Gomes - Petrópolis

MINAS GERAIS:

270. Vinícius Albuquerque Maia - Juiz de Fora
271. Caio Franco Martins Pereira - Juiz de Fora
272. Sofia Nogueira Tristão Bernardes - Juiz de Fora
273. Thiago Santos Evangelista - Juiz de Fora
274. Gleidson G. Queiroz - Belo Horizonte
275. Marcela de Almeida Carvalho - Manhuaçu
276. Hugo Ribeiro Vargas - Belo Horizonte
277. Érica Franco de Oliveira - Juiz de Fora
278. Fabrício Augusto Araújo Ribeiro - Uberaba
279. Rodrigo Tagliatti Ribeiro - Belo Horizonte
280. Ivone Alves Fulgencio Campos - Minas Gerais
281. Olavo Oliveira - Pouso Alegre
282. Rafaela Rodrigues Moreira - Uberlândia
283. Thalles Soares Oliveira - Vespasiano
284. Fernando Aquino Pessoa - Pará de Minas
285. Pedro Henrique Reis Machado - Santa Bárbara do Monte Verde

PARANÁ:

286. Alexandre salvador Werri - Maringá
287. Claudemir Romancini - Maringá
288. Edmilson Aparecido Da Silva - Maringá
289. João Antonio Tessarolo Quirino - Maringá
290. João Paulo de Assis - Maringá
291. Josefa Giselia Vasco Mikhin - Maringá
292. Luciana Fagiao Correa - Maringá
293. Luciane Justus dos santos - Ponta Grossa
294. Marcia Lucinda Da Silva - Maringá



- 295. Pedro Jorge de Freitas Sarandi
- 296. Rodrigo Grossmann - Campo Mourão
- 297. Shirley de Andrade Batista - Sarandi
- 298. Taiane Cristine de Jesus Garcia Scarparo - Maringá
- 299. Talitha Priscila Cabral Coelho - Maringá
- 300. Wilton Mário Da Silva - Maringá

OUTROS ESTADOS:

- 301. Márcio Barcelos Correia - Serra/ Espírito Santo
- 302. Marco Antonio Tuma Rossi - Belém/Pará
- 303. José Martin Ucha - Salvador/Bahia
- 304. Natielly Cristina do Nascimento Oliveira - Caucaia / Ceará
- 305. Marcelo Tomaz de Lima - João Pessoa/Paraíba
- 306. José Antônio Vitória Hillal - Capão do Leão / Rio Grande do Sul
- 307. Allisson Bruno Bandeira Dos Santos - Cajazeiras/Paraíba
- 308. Gabriel Vinícius Correia de Brito Bezerra de Menezes - João Pessoa
/Paraíba
- 309. Rui Svensson - Porto Alegre/Rio Grande do Sul
- 310. Anselmo Alves de Araújo - João Pessoa / Paraíba
- 311. João Pedro Pereira Vazquez - Brasília
- 312. Marcelo Tomaz de Lima - João Pessoa/Paraíba
- 313. Bruno Wesley Soares da Costa Araújo - Condado/Paraíba
- 314. Marcos Britto Corrêa - Santa Maria/RS
- 315. Pedro da Silva Nascimento - Belém do Pará/Pará
- 316. Juliane Kethellen Barbosa Mendes - Fortaleza /Ceará
- 317. José Antônio Vitória Hillal - Capão do Leão/Rio Grande do Sul
- 318. Sinval Silva de Araújo - Salvador/Bahia
- 319. Mell Cristine Figueiredo Pecóis Aguiar - Campo Grande/Mato Grosso do
Sul

CENTRALIDADE
DO TRABALHO

